

MAPEANDO “LONDRINAS”: IMAGINÁRIO E EXPERIÊNCIA URBANA¹

*Eduardo MARANDOLA JR.*²

Resumo

Sob a abstração da cidade, existem infinitas cidades distintas. São as cidades vividas no mundo imediato (experencial) e mediato (imaginário). Desta maneira, cada pessoa tem sua própria cidade, que é um fragmento da cidade objetiva, configurando-se, enquanto cidade subjetiva, no seu espaço existencial. Mas longe de serem infinitas possibilidades que nada têm a ver uma com a outra, estas “cidades invisíveis”, imaginárias, possuem elos claros que ligam existência e imaginário, indivíduo e coletivo. Uma das formas de acessar este elo é a “busca das coisas mesmas”, procurando o sentido anterior da experiência urbana, ou seja, a forma como a cidade aparece na experiência vivida. Este caminho envolve uma postura fenomenológica de pesquisa de campo, através de encontros e de uma prática de andarilho. Admite-se a fluidez sujeito-objeto, estando na subjetividade da escolha do caminho e do percurso elementos fundamentais no desenrolar da pesquisa e no desvelar do objeto. Neste sentido, através da arqueologia fenomenológica empreendida numa pesquisa qualitativa, buscamos as “Londrinhas” vividas por meio de sua descrição, no sentido fenomenológico, como um cartógrafo-geógrafo que procura indícios para desenhar os contornos, cores, profundidade e volume destas cidades imaginárias. O resultado são fragmentos holográficos da cidade que descrevem a existência e a experiência urbana.

Palavras-chave: Experiência urbana. Imaginário da cidade. Arqueologia fenomenológica. Trabalho de campo

Abstract

Mapping “Londrinhas”: imaginary and urban experience

Under the abstraction of the city there are infinity distinct cities which are lived in the immediate world (experiential) and mediate (imaginary). In this way each person has its own city, which is a fragment of the objective city, being configured while subjective city in its existential space. But far from being infinity possibilities that has nothing to do with one another, these “invisible cities”, imaginaries, possesses clear links that tie existence and imaginary, individual and collective. One way to access this link is “the search for things themselves” by looking for the previous sense of urban experience, in other words, the way the city appears in lived experience. This method involves a phenomenological posture of field research through meetings and a practice of wandering. It is admitted the subject-object fluidity once being in the subjectivity of the way's choice and course fundamental elements in the uncoiling of the research and in the revealing of the object. In this sense, through phenomenological archeology undertaken in a qualitative research we searched the lived “Londrinhas” through its description in phenomenological sense, just like a cartographer-geographer that searches signs to draw the outlines, colors depth and volume of these imaginary cities. The results are holographic fragments of the city that describe the existence and urban experience

Key words: Urban experience. Imaginary of the city. Phenomenological archeology. Field of work

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada no Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente (SINPEC), realizado em Londrina, PR, em junho de 2005, elaborado a partir de pesquisa realizada nos anos de 2002-2003 (MARANDOLA JR., 2003).

² Geógrafo, Doutorando em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (IG/UNICAMP). eduardom@ige.unicamp.br.

O CARTÓGRAFO-GEÓGRAFO EM CAMPO

*"Caminho esperando encontrar
Encontro e sou encontrado
E o percurso se desenha por entre
prédios, pessoas e vertentes
cursos d'água, bairros e ruas.*

*O percurso é a cidade
A urbs cosmopolita e multifacetada.
O caminho somos nós mesmos."*

Quando os antigos geógrafos empreendiam suas expedições a lugares nunca visitados, além da cuidadosa observação e descrição durante o campo, seguia-se uma rigorosa catalogação e classificação daquilo que fora observado e descrito. Em especial no Século das Luzes, quando a ampliação do mundo foi abrupta e muito além da capacidade de apreensão dos geógrafos e cientistas, a grande pergunta que se fazia ao se chegar a um novo lugar era: Que é isto, este lugar? Como não havia nenhum conhecimento prévio da natureza ou do homem, a pergunta continha dois sentidos/anseios principais: de um lado ela ansiava a totalidade, desejando a descrição e classificação de tudo; mas por outro lado à pergunta visava a essência, a especificidade que distinguia e identificava aquele lugar frente a todo o resto.

Com a sistematização da ciência e sua constante especialização, esta pergunta ampla deixou de ser feita com a mesma frequência, ou mesmo passou a ser encarada como irrealizável; impossível sua resposta e uma ingenuidade a sua realização. Com a constante fragmentação do conhecimento, com cada disciplina procurando delimitar seu objeto, e dentro dele seus olhares e particularidades, a realização da pergunta que busca todas as dimensões ou a essência do objeto parece alvo fácil para o questionamento do rigor e da cientificidade.

Outra grande perda com a ciência moderna foi o desenvolvimento, no âmbito social, de uma confiança axiomática no conhecimento científico. O completo mapa do mundo nos dá a falsa impressão de que não há mais fronteiras a explorar, metafóricas ou físicas, e, portanto, não existem mais *terrae incognitae* para desbravar. Perdeu-se muito da capacidade de encantamento com a geografia, como se o conhecimento que temos já fosse o suficiente, o correto e o definitivo. Os estudos ganharam em rigor e seriedade, perdendo em criatividade, tornado a relação homem-meio quase uma equação.

Resgatar o que Wright (1947) chamou de "libido geográfica" é fundamental para garantir o resgate de um dos elementos mais característicos da identidade da ciência geográfica: sua prática de campo e seu viés empirista e realista, impulsionados por uma curiosidade e uma imaginação geográficas. Deixado de lado e minimizado em algumas das correntes mais populares da Geografia nas últimas décadas, há necessidade de reflexão sobre o papel e a importância do trabalho de campo para a produção do conhecimento geográfico, sem ignorar o debate racionalismo Vs. empirismo, do ponto de vista epistemológico. Esta prática tem se feito cada vez mais necessária no urbano, que se mostra, junto com a experiência humana do espaço, as grandes fronteiras do conhecimento ainda a serem exploradas pelos geógrafos. No urbano, a experiência humana é mais complexa, intrincada e densa, com uma diversidade de agentes, atores e forças produtoras do espaço disputando a hegemonia e o controle da produção e reprodução social. Embora já tenhamos um conhecimento cada vez maior dos mecanismos de produção social do espaço e das dinâmicas biofísicas do globo, nosso conhecimento (em especial do ponto de vista geográfico) da experiência das pessoas destes processos, a partir de sua própria existência, ainda é muito limitado e estreito frente aos demais saberes que temos acumulado. Ainda mantemos uma perspectiva centralista que resiste a dar voz àqueles que vivem de forma direta aqueles fenômenos que estudamos.

Em vista disso, cabe perguntar: Que experiências são possíveis na cidade? Como entender o homem neste ambiente? Como descrever e entender os fatos que ali ocorrem? No urbano, o invisível às vezes se materializa, influenciando e movendo o visível e o invisível. Por outras, o invisível traz à luz o visível, ou fica em seu campo colocando em movimento ou em repouso pessoas, objetos, estruturas, símbolos. É o movimento da cidade. Por vezes, é a cidade que se move. Ela não fica estática. No seu dinamismo, os elementos, numa junção holística, movem-na para diversos lugares.

Buscar as respostas a estas perguntas é, de certa forma, retornar àquela pergunta mais ampla, de difícil resposta, mas de significado fundamental. Nem sempre a resposta que se consegue é tão importante quanto a direção para a qual a pergunta encaminha o pensamento. Assim, as perguntas amplas podem nos conduzir em direção daquelas *terrae incognitae* que ainda precisam ser exploradas com mais vagar.

Em vista disso, na pesquisa que realizamos na cidade de Londrina, no Norte do Estado do Paraná, a principal pergunta motivadora e norteadora foi: Londrina, que cidade é esta? A esta pergunta sucede toda a investigação e as preocupações aqui desenvolvidas. O caminho para procurar pistas de uma possível resposta foi o caminhar e o ouvir a cidade, deixando-se, tanto quanto possível, aberto a ouvir sua revelação. O procedimento metodológico tem em sua essência a fluidez sujeito-objeto e o envolvimento do pesquisador no processo e no resultado da pesquisa.

Esta prática de campo implica uma postura teórico-metodológica assumida *a priori*, além de algumas categorias que orientaram o olhar e a pesquisa. Contudo, há o movimento simultâneo do “colocar entre parentes”, que não é absoluto, mas relativo. Relph (1979, p.04) chama esta postura de uma “semiconsciência não envolvida”. Esta orientação parte de uma leitura fenomenológico-existencialista, tomando como norte final de preocupação, ou o pano de fundo, o **imaginário** e a **experiência urbana**, se alinhando assim à tradição geográfica de estudos dos fenômenos imateriais, desenvolvida sob esta perspectiva teórica principalmente pela Geografia Humanista e, mais recentemente, também pela Geografia Cultural.

O trabalho de campo empreendido é compreendido como **uma** experiência da cidade, em que caminho e percurso são resultados da interação sujeito-objeto. Por outro lado, os temas norteadores que conduziram ou brotaram do campo foram resultado e guias ao mesmo tempo. A estratégia metodológica obedeceu mais à intuição do que ao planejamento rígido. A partir da pergunta principal e dos temas norteadores, caminhamos pela cidade, em busca de encontros. Não foram marcadas entrevistas, antes, procuramos diálogos, conversas. Por isso tivemos conversantes, ato contínuo e recíproco, e não entrevistados. Buscamos nos encontros e na prática de um andarilho, andando e contemplando, inquirindo dos ambientes e das paisagens, as diversas “Londrinhas”, ou seja, as diversas experiências e existências da e na cidade. O caminhar foi acompanhado, a pé ou de carro. Conduzindo e sendo conduzido. Não se limitou ao silêncio da observação, mas travaram-se diálogos. A expectativa com este procedimento foi a revelação, partindo da indução em direção à fluidez sujeito-objeto e à sua importância recíproca na produção do conhecimento.

A estratégia, portanto, é o caminho do **andarilho** e o percurso do **conversante**. Buscamos não apenas expressões que apontassem “que é Londrina”, mas as próprias infinitas experiências da cidade. Cada existente, no tempo e no espaço, possui sua maneira de experimentar a cidade, composto e conduzido por um imaginário, individual e urbano (coletivo). O trabalho de campo se guiou por esta busca, procurando alcançar “as coisas mesmas”, por meio da descrição das experiências cidadinas pelos próprios existentes em sua vida cotidiana. Esta descrição é a prática fenomenológica, conforme Merleau-Ponty (1971), como estratégia de alcançar os significados anteriores, que não devem ser explicadas, mas entendidas. (MARANDOLA JR., 2005a) Como um sonoplasta que anda pela cidade em busca dos sons que a descrevem, ou o cineasta que vaga com sua câmera a tentar captar a essência

da cidade, caminhamos buscando alguns destes traços do imaginário urbano, empreendendo uma experiência da cidade³. E lá encontramos "Londrinas"!

Retornamos assim à pergunta central desta pesquisa: Londrina, que cidade é esta? Como é viver em Londrina? Que isto significa? Que tipos de experiências urbanas são possíveis nesta urbe no norte do Estado do Paraná?

Assim como todas as cidades, Londrina possuiu sua história, povo, costumes, memória, cotidiano, espaço, imaginário e mitos. Há também os grandes personagens, os atos memoráveis, as datas, os marcos espaciais, os grandes lugares, os espaços sagrados e os profanos. Londrina é uma entre tantas cidades concebidas e desenvolvidas na modernidade ocidental, fruto da confluência de povos, idéias, raças, costumes, culturas. Londrina é cosmopolita.

Nesta multifacetada realidade, diferenciada espacialmente, ainda há uma variação infinita na esteira do tempo. Temendo ser Zora, uma das cidades invisíveis de Italo Calvino (CALVINO, 1990), Londrina mudou rápido e constantemente. A cidade não tentou ser lembrada ponto por ponto. Londrina quis sempre ver a expressão de espanto daqueles que a visitavam de vez em quando e, boquiabertos, tentavam recordar-se da cidade de então. Diferente de Maurília, os pés-vermelhos esperavam a confirmação: a Londrina de hoje é melhor que a anterior. Porém, a cidade de então possui um brilho apenas presente nos cartões-postais, pois quem aqui viveu, recorda-se com desgosto do barro, do "sertão" que a cidade era, das dificuldades, dos tombos nos dias de chuva, do pó no tempo de seca...

Neste ensaio, procuramos descrever algumas destas "Londrinas". A idéia norteadora é a de que a cidade objetiva é composta de inúmeras cidades subjetivas (holográficas) que coexistem, conformando a "grande Londrina", aquela que podemos ver, dependendo do ângulo ou da lente que se use. Porém, a totalidade Londrina (assim como acontece com todas as cidades) permanece imprecisa, parcial, relativa. Não que não haja uma verdade. O que não existe é um critério único para defini-la.

Na ausência de tal critério, utilizamos aquele que pressupõe a materialidade vivida, através da experiência, fruto da existência. (MARANDOLA JR., 2005a e 2005b) Cada um possui a sua própria cidade, circunscrita por seu espaço existencial e pelas sucessivas conchas (MOLES; ROHMER, 1978; VIEIRA; OLIVEIRA, 2000) ou horizontes de alcance (BUTTNER, 1980) em que vivemos. São as sucessivas escalas em que estamos inseridos, conformando nossa vivência e experiência no contexto geográfico, socio-histórico e cultural.

Como o conjunto da cidade é muito vasto e não havia a pretensão de conseguir percorrer e conversar em todos os bairros, optamos por seguir o caminho da fronteira urbano-rural, confrontando-o com a centralidade do centro. Neste percurso, circundamos toda a extensão da cidade, conversando tanto com os que moram na fronteira do lado de cá (a cidade) quanto do lado de lá (o campo). Mas não apenas isto. Andamos no Calçadão (no centro da cidade) e por outros bairros, conversando com outras pessoas ou indo a pontos mencionados pelos conversantes. Neste sentido, duas das questões que guiaram o trabalho foram as relações **centro-fronteira** e **urbano-rural**, vividas de ambos os pólos.

O trabalho resultante, que vemos a seguir, é o trabalho de um cartógrafo: mapear as "Londrinas" imaginárias, as várias cidades experienciadas. Assim como Irene, de Calvino (1990), que não é a mesma para cada um de seus habitantes, ou para aqueles que a vêm de cima, do planalto, ou a vêm de dentro, e de dentro quando estão indo embora, ou de dentro quando estão chegando, Londrina (assim como toda cidade) é vivida e experienciada de

³ Sobre esta relação ver *O céu de Lisboa (Libon Story)* (1995), filme do diretor alemão Wim Wenders. O autor discute, através da fala de seus personagens, a essência da cidade ouvida (sonoplasta) e vista (cineasta). Sobre este filme, ver artigo de Rogério Lima, "A permanência das imagens e os fragmentos da esquina: Wim Wenders e Paul Auster e as formas de imaginação da cidade". (LIMA, 2000)

maneira diferenciada por cada habitante, consoante a uma combinação muito grande de elementos, subjetivos e objetivos, de natureza espacial, cultural, existencial, ambiental, social, econômica e assim por diante. O imaginário urbano é identificado através de traços e indícios, de peças componentes e de indicações. Ele se constitui no encontro e coexistência destas existências e no embate e combinação entre elas na elaboração da própria cidade. Assim apresentam-se as imagens urbanas, os sentimentos topofóbicos e topofílicos, os fantasmas, a paisagem sonora e o espaço existencial. Cada um deles mantém vinculação e ao mesmo tempo contribuição na constituição do imaginário urbano, se expressando nas experiências existenciais e na vivência coletiva.

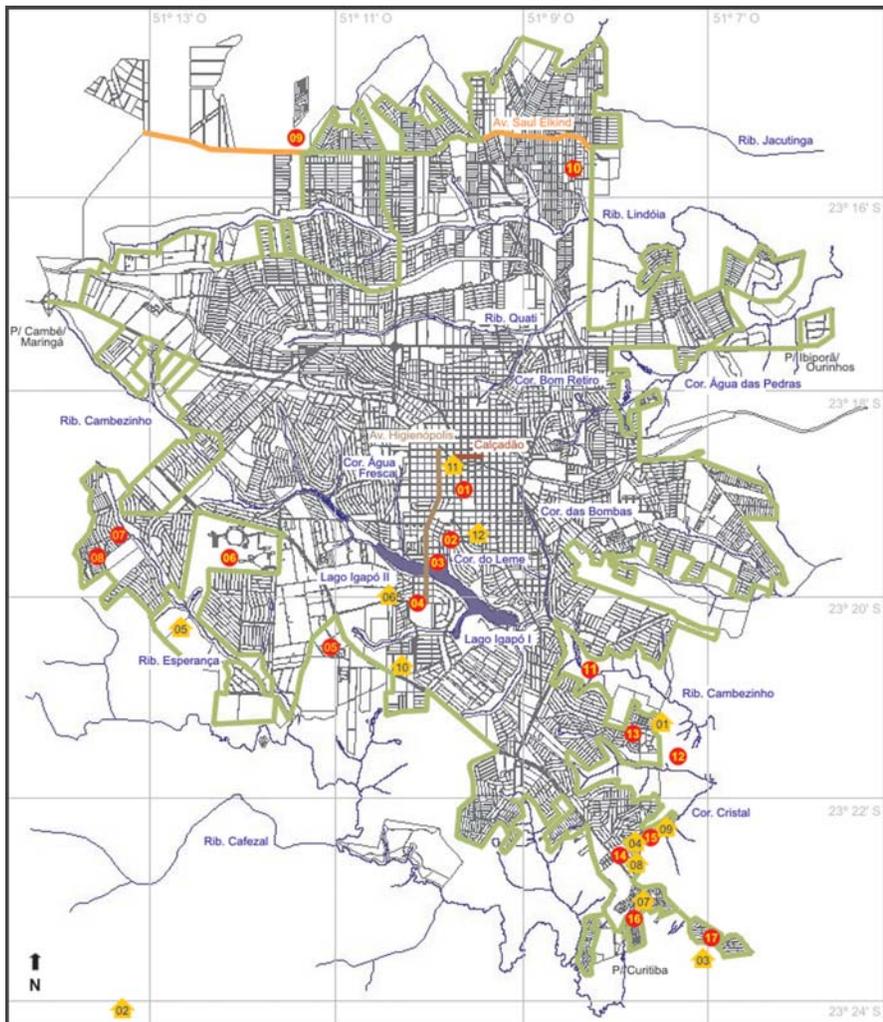
Além destes, a sociabilidade diferenciada nos diversos espaços e lugares da cidade também apresenta relação marcante. Tanto a sociabilidade quanto a experiência se dão em um outro embate: cotidiano e história. Esta investigação foi nos percalços do cotidiano, conectado à história, mas sem priorizá-la. É na vivência cotidiana e nas impressões do homem simples que nos propusemos caminhar. Este direcionamento se relaciona a outro embate: memória e história. A opção é igualmente pelo primeiro, encarando cotidiano e memória como fenômenos que nos dão acesso à vivência e à experiência da cidade.

A ambiência tensionada centro-fronteira é expressa não apenas na relação urbano-rural, como também da própria centralidade com as margens. Esta relação de centralidade e marginalidade é marcante no imaginário e na experiência da cidade, com relação direta ao ambiente e ao lugar.

Em vista disso, alguns elementos que foram eleitos previamente ou que apareceram nas expressões dos conversantes serviram de guias para as conversas e para a prática andante do trabalho de campo: (1) sociabilidade e situação de fronteira; (2) tensão centro-fronteira, urbano-rural; (3) topofobia/topofilia; (4) cidade-lugar; (5) imagens urbanas; (6) fantasmas; e (7) espaço existencial.

Cada um destes elementos são tomados como meios de expressão ou constituição do imaginário urbano de Londrina, sendo expressões de vivências urbanas singulares numa cidade múltipla. Discutiremos estes enunciados a partir dos diários de campo, o material empírico de trabalho, onde a experiência do campo foi anotada e refletida diariamente durante o verão de 2002-2003, contendo as conversas e o caminhar. Assim, o resultado é tanto a partir desta experiência quanto da própria vivência urbana do pesquisador, trabalhada a partir da reflexão acadêmica.

A Figura 1 mostra a malha urbana de Londrina com as casas dos conversantes, onde foram realizadas as conversas, e os lugares mencionados por eles, além do percurso realizado pela fronteira urbano-rural. Nota-se que, mesmo que não tenhamos incluído todos os conversantes e lugares (estão mapeados apenas os mencionados diretamente neste ensaio), este é um atlas imperfeito e incompleto das "Londrinas" possíveis, pois foi composto a partir de **uma** experiência da cidade, assim como toda tentativa de apreensão da realidade. Contudo, a busca é pelos sentidos originais, pelos significados compartilhados (imaginário) tal como são vividos e revelados na experiência. Desta maneira, o quadro incompleto é inescapável, estando na sua compreensão condição primeira para que se dê a correta dimensão dos resultados que podem ser obtidos com esta postura teórico-metodológica e o quadro que desenha das possibilidades de experiência da cidade.



LEGENDA

Residência dos conversantes*

- 01 - Antônio de Araújo
- 02 - Antônio da Cunha
- 03 - Antonio Terra
- 04 - Henrique
- 05 - Juliana
- 06 - Luciana
- 07 - Luis Carlos
- 08 - Pedro Alcântara
- 09 - Ronaldo de Paiva
- 10 - Talita e Mateus (nova)
- 11 - Talita e Mateus (antiga)
- 12 - Thiago

— Percurso pela fronteira urbano-rural

* somente os mencionados diretamente neste artigo.

Bairros e lugares*

- 01 - Centro
- 02 - Zerão
- 03 - Itate Club de Londrina
- 04 - Parque Guanabara
- 05 - Catuai Shopping-center
- 06 - Universidade Estadual de Londrina
- 07 - Jardim Maracanã
- 08 - Jardim João Turquino
- 09 - São Jorge
- 10 - João Paz
- 11 - Parque Municipal Arthur Thomas
- 12 - Área da Fazenda Refúgio
- 13 - Jardim São Lourenço
- 14 - Jardim Cristal
- 15 - Jardim Franciscato
- 16 - Jardim União da Vitória
- 17 - Jardim Nova Esperança

Escala
0 1.000
500 500 1.500m

Base cartográfica:
Laboratório de Pesquisas Urbanas e
Regionais (LPUR), Departamento de
Geociências, Universidade Estadual de
Londrina (UEL), 2000.

Diagramação e organização:
Eduardo Marandola Jr.

Figura 1 - Percurso pela fronteira urbano-rural e lugares mencionados pelos conversantes Londrina, PR (malha urbana) – 2002-2003

SOCIABILIDADE E SITUAÇÃO DE FRONTEIRA: EMBATES

*"Toc toc do martelo
Casas em construção
Pássaros e crianças
Trator e bicicleta
Carros não."*

Começamos pela sociabilidade por diversos fatores. Um deles é a orientação que os embates mencionados há pouco assumiu no conjunto do trabalho. De fato, eles guiaram o campo servindo de grandes eixos orientadores, o que significa dizer que toda a discussão ou se centra nos embates entre fronteira-centro e urbano-rural, ou ao menos tangencia estes embates. Além disso, uma das questões que se tornou central ao longo da pesquisa, o medo e a violência, possui relação direta com a sociabilidade e a "situação de fronteira".

Sobre os primeiros dois embates, fronteira-centro e urbano-rural, apropriamo-nos dos conceitos da análise de José de S. Martins sobre as frentes pioneiras de expansão, em seu livro *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano* (MARTINS, 1997), repensando estes conceitos à fronteira urbana. Para o autor, estas frentes constituem a fronteira, em essência, fronteira da civilização. Uma carrega consigo práticas de um tempo histórico anterior (a de expansão), a outra, as práticas do tempo histórico moderno, capitalista (a pioneira), mas ambas tem em seu seio uma forma de sociabilidade própria, denominada pelo autor de **situação de fronteira**. A primeira é, por vezes, encarada como frente demográfica, enquanto a segunda é vista como frente econômica. Elas não se excluem, mas coexistem e existem sem a presença da outra. Contudo, é mais comum tê-las simultaneamente ou em seqüência.

O que pretendemos extrair desta referência para pensar o urbano londrinense, são três fatores:

1. A fronteira significa que algo está sendo expandido. Este algo possui feições espaciais próprias (como a organização agrária empreendida pelas empresas colonizadoras no Norte do Paraná ou as grandes plantações monocultoras no cerrado e na Amazônia) associadas a uma sociabilidade, ou seja, práticas sociais cotidianas, particulares a um tempo histórico próprio, que acompanha a fronteira, caminhando com ela, não se associando a um lugar, mas fornecendo a este lugar atributos;
2. Nesta expansão, há o embate de dois lados: o da civilização e o do outro, o da barbárie. A pressuposição é de que o lado em expansão deve sobrepujar o que está sendo tomado. Há a necessidade de conversão das terras, das pessoas, do ambiente como um todo, a esta nova forma de organização espacial e da paisagem a esta nova situação. Há o abandono dos modos anteriores, considerados a-históricos e atemporais. Na verdade, Martins registra que este embate é fruto do encontro e coexistência de tempos históricos distintos no mesmo espaço. É a situação de fronteira;
3. O conflito é o terceiro ponto marcante da situação de fronteira. Martins (1997, p.151) afirma que "a fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos históricos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o **outro** se torna a parte antagônica de **nós**". Portanto, o embate dos tempos históricos e os conflitos de diversas naturezas são marcas sempre presentes da fronteira.

As cidades, principalmente as médias e grandes, vivem um processo contínuo e intenso de crescimento. Este crescimento significa a expansão de seus limites. Por isso, os limites do urbano são sua fronteira. Fronteira com o rural⁴. Como afirma Martins, não há pontualmente a fronteira, mas há uma grande faixa de transição onde pode ser identificada a situação de fronteira. Como se dá isto no urbano?

Num primeiro momento, esta situação é a situação da cidade. Londrina, por exemplo, quando fundada, em 1929⁵, era um posto avançado da frente pioneira, e toda a cidade vivia a situação de fronteira. Esta situação, fundada na coexistência de tempos históricos, conforme aponta Martins, deixa a cidade, paulatinamente, na medida em que os tempos históricos se fundem (de forma tensionada) e há a refundação das próprias práticas sociais. Porém, uma outra forma de embate sobrevive às margens, resignificada neste estágio da modernidade, ao longo do próprio processo de crescimento urbano. A grande faixa de contato entre o urbano e o rural é palco de um cenário particular na contemporaneidade, com seus conflitos e especificidades, que geram uma forma de sociabilidade marcada espacialmente e refletida nas práticas sociais, na relação das pessoas com o lugar e na sua experiência da cidade. É esta situação de fronteira que encontramos no campo.

Há muitos estudos acerca da sociabilidade e da geografia da fronteira urbana, chamada de periferia. Contudo, por não encará-la como fronteira, não se considera, em geral, o outro lado, ou seja, a faixa da área rural que ou resiste ao avanço urbano ou deseja ser convertida em cidade. O conceito de fronteira apresenta os dois lados, e a situação de fronteira se apresenta como resultado desta tensão.

Esta tensão é discutida também por Ricardo Abramovay, abordando a problemática por outro prisma: o embate ruralidade-urbanidade. (ABRAMOVAY, 2000) O autor registra que embora seja evidente o aumento populacional constante do urbano enquanto o espaço rural se mantém em contínuo declínio demográfico, a delimitação entre estes permanece dúbia e definida por critérios não questionados. Abramovay afirma que os limites entre urbano e rural são delimitados, em geral, de forma insatisfatória, utilizando-se critérios baseados em definições administrativas, pela relação com a força de trabalho (se agrícola ou urbana) ou de acordo com o número de habitantes. Estes critérios variam de país para país, e não atingem o âmago da questão que, para Abramovay, está na natureza territorial do conceito de urbanidade e de ruralidade.

Abramovay (2000, p.06) defende assim que "a abordagem espacial e o pressuposto multissetorial do meio rural permitem que não se suponha, mesmo nas nações mais desenvolvidas, que o campo tenha se 'urbanizado'." O autor justifica esta afirmação elencando os três aspectos básicos que considera como distintivos do rural: a relação com a natureza, a importância das áreas densamente povoadas e a dependência do sistema urbano. A primeira se exprime numa relação mais próxima com a natureza, não no sentido bucólico (embora o autor saliente que este também é uma marca importante) mas no próprio sentido de geração de renda. O segundo está relacionado à relativa dispersão populacional, ou seja, o rural se opõe às aglomerações que caracterizam o urbano. O terceiro aspecto, mostra a dependência do rural em relação ao urbano que, em nossa sociedade contemporânea, assumiu sua faceta mais drástica.

Todas estas distinções são analisadas por Abramovay num esforço de legitimar a questão através das relações sociais e das formas espaciais. É neste sentido que a urbanidade e a ruralidade são formas específicas de relação com o ambiente, com as pessoas e

⁴ Talvez estas fronteiras sejam diferenciadas nas densas áreas metropolitanas, em virtude das nuances e conurbações, onde o urbano ultrapassa municípios e há a emergência contemporânea de formas urbano-metropolitanas cada vez mais fragmentadas e rizomáticas. As áreas em processo de expansão, no entanto, também representam as áreas de fronteira, embora a área rural que antes dividia as áreas urbanas deixe, em algum momento, de existir.

⁵ Data da abertura do núcleo urbano. O ano de fundação do município é, oficialmente, 1934.

com o sistema de produção e consumo. Na fronteira urbano-rural, estas formas estão fluidas, e a delimitação nem sempre é claramente identificável. É por isso que, assim como Martins caracteriza as frentes pioneiras como uma ampla faixa transicional, atribuímos à fronteira urbano-rural este caráter de igual encontro de formas específicas de sociabilidade e organização territorial.

Ao longo deste trabalho, caminhamos pela fronteira. A paisagem é fortemente marcada: o encontro tencionado com o rural, a fluidez e condutividade das práticas urbanas e agrárias. O encontro de tempos históricos marcados pela sociabilidade e pela relação com o lugar. O medo moderno na insegurança cidadina. A segurança da vizinhança de então. A situação da fronteira em Londrina.

Como marcas da paisagem podemos falar do gado de Antonio de Araujo, ali, “do lado da cidade” (ou dentro?). Ou ainda os fornos a lenha, o gado no São Lourenço, solto para comer o capim das calçadas ou, ainda, a casa de Antonio Terra, no Nova Esperança. Casa de sítio. Vida de sítio.

A própria Fazenda Refúgio, de propriedade da prefeitura do município, é uma grande marca deste encontro. Com acentuada declividade, é a fronteira do lado de lá, onde, entre posseiros urbanos e rurais, se torna uma grande incógnita do futuro destas relações.

A sociabilidade da fronteira aparece muito semelhante à própria situação de fronteira como caracteriza Martins. Em mais de um bairro os moradores lembraram da importância de se conhecer “todo mundo”. Em especial, é destacável o Jardim Cristal, que ocupa a vertente oposta do vale do Cristal, separado apenas pelo vale do Jardim Franciscato. Ali, porém, os moradores afirmaram ter uma segurança tamanha que deixam as casas abertas, sem se preocupar, pois os “vizinhos cuidam”. Parecia um relato da Londrina de então. Mas, de fato, é uma das “Londrinhas”. Não precisamos andar muito para encontrar pessoas que já tiveram de se preocupar com a própria vida⁶, e há pessoas tão próximas que têm uma segurança que ninguém espera encontrar em Londrina.

Porém, a fronteira urbana também é fronteira pelo reverso da moeda: a lei é mais fluida. As normas que regem a vida cotidiana não são, necessariamente, as normas estabelecidas pelo poder público. O medo e a insegurança acompanham a fronteira. A sobrevivência é um aspecto marcado. Dos dois lados. Os habitantes do lado rural têm de se preocupar com o perigo que vem de lá. Não apenas dos compradores de suas terras, mas dos ladrões de frutas e de milho, dos ladrões de fiação, dos ladrões da casa, dos bens, dos ladrões de gado. Há muitos relatos de roubos de gado, inclusive com assalto a mão armada e coerção para o caseiro do sítio matar e limpar a carne do boi para os bandidos carregarem.

Neste sentido, a conversa com Antonio Terra foi muito significativa, quando ele mostrou seu ressentimento por não poder mais carregar a arma hoje em dia. Se quando Londrina estava como um todo na situação de fronteira era comum e necessário as pessoas andarem armadas, e até comprarem suas armas e munição, hoje esta situação foi transformada. As pessoas em geral não andam mais armadas, tanto porque não é mais permitido, quanto porque não é mais necessário (a situação de fronteira exige, às vezes, fazer a própria defesa). Mas não na fronteira. Há momentos que as pessoas se vêm obrigadas a se armar, pois disso também depende sua sobrevivência. É a fronteira transmutada?

O olhar simples, as conversas tranquilas, a receptividade, as expressões. Tudo nos faz esquecer a cidade moderna. A fronteira realmente possui uma situação que lhe é particular. Neste sentido, a “paisagem sonora” é marcada como identificadora desta fronteira, ficando perceptível uma harmonia e uma especificidade que difere de forma clara do centro.

⁶ O Jardim Cristal fica no divisor de águas onde também está o Jardim União da Vitória, bairro que, há 17 anos, quando foi criado, era o principal foco de violência da cidade e, como vários de meus conversantes afirmaram, ainda está no imaginário urbano londrinense nesta condição.

Neste sentido, aponta-se o outro embate: centro-fronteira. Durante o campo, a pergunta sobre que espécie de centralidade estava estabelecida e o que, na verdade é esta centralidade nos perseguiu constantemente. Quando perguntávamos às pessoas o que era o centro e lhes pedíamos que o delimitassem, percebemos que a noção presente no imaginário é essencialmente decomposta em dois aspectos: comércio e movimento. Clara neste sentido foi a expressão de Mateus, que disse que o centro vai até a zona rural, "pois em todo lugar tem uma lojinha".

As pessoas com as quais conversamos que moram na fronteira mostraram não conhecer muito a cidade, indo ao centro apenas em casos estritamente necessários. Elas enfatizaram como questões centrais na vida e no apego ao bairro, as facilidades e comodidades. A ênfase é em não precisar sair daquele círculo, daquela região. O centro não significa muito, ou nada. Conforme falou Ronaldo de Paiva: "o centro não tem nada de especial". O que tem o centro então? De lá, vimos o centro como local de passagem, e assim ele o é para a maioria dos habitantes. Não significa muito. Não traz afeição. O centro tem um papel funcional, e mesmo assim, este é frágil. Se houver opção, não se vai ao centro, como se orgulham os moradores da zona norte, pois têm a Avenida Saul Elkind, onde "tem de tudo". Esta é a vivência da fronteira.

Porém, entre aqueles que vivem em outros bairros, ou os antigos moradores do centro, como Talita, o centro já possui um significado diferente. Ele pode ser um local de permanência, passando a ser um lugar. Somente através da permanência pode existir o lugar. (TUAN, 1975; 1983) No centro há a permanência. O centro é um lugar, mas não para a maioria da população, para quem ele se divide em sentimentos de total indiferença ou mesmo de aversão, como Thiago expressou enfaticamente: "O centro tem muita gente".

Contudo, o centro de Londrina não é apenas comércio, como o imaginário urbano registra. Se assim o fosse, com o comércio fechado o centro "morreria", como em tantas grandes cidades. Mas o centro de Londrina sempre está movimentado. Domingo, sábado, à noite. Tanto como passagem, quanto como permanência, os bancos do Calçadão sempre abrigam pessoas das mais diferentes idades e camadas sociais que buscam as mais diferentes coisas. Simplesmente sentar, olhando o movimento. Local de encontro. Local de diversão. O centro, em especial o Calçadão, não morre após as 18:00 horas.

Podemos dizer, assim, que fronteira e centro se ignoram mutuamente. A fronteira quer subsistir sem o centro. Não vê motivo para ir lá. O centro (e seus bairros circundantes) não vê razão para conhecer a fronteira. Assim ouvi de várias pessoas, como Luciana, que disse não haver o que buscar nas outras partes da cidade que não conhece. Segundo ela, as pessoas que vivem fora do centro é que vão para lá, pois lá há o que buscar. Fora do centro não há o que buscar. "Lá não há nada"...

Esta é uma marca que transcende a tensão fronteira-centro: há poucas pessoas que buscam a vivência e a experiência da cidade. Há uma emergência do individualismo, marca da sociedade moderna que têm marcado com graus e significados distintos, a vida urbana ocidental. A cidade é vista e vivida de forma funcional: "se não for aqui será em outro lugar". Tira-se o que se pode dela e a amaldiçoa pelo que ela não pode dar. É uma alienação da cidade enquanto construção coletiva, sociocultural. Há uma tendência em se colocar a parte deste processo, como usuário, não como co-existente, sujeito ativo do processo de produção da cidade. São cada vez menos os existentes que se envolvem no sentido essencial com ela, sua historicidade e geograficidade. A cidade está, neste sentido, se esvaziando.

Há, ainda, outro embate que ficou muito evidente na expansão da fronteira urbana: é a expansão sobre as vertentes e os cursos d'água. Em Londrina, por toda a cidade, nota-se o "molde" que os bairros recebem em relação à geomorfologia e à drenagem urbana. A orientação dos rios obedece à grande orientação da bacia do Paraná, sentido oeste-leste, devido à tributação ao rio Tibagi, localizado na fronteira leste do município de Londrina, no sentido sul-norte. Assim, as fronteiras norte e sul da cidade sempre foram os rios, que se

posicionam perpendiculares ao eixo norte-sul da cidade. No plano urbano original, a cidade foi colocada no marco divisor de águas, limitada pelas nascentes e pelos cursos d'água dos córregos Água Fresca, Leme, Bom Retiro e das Bombas. O processo de expansão urbana da cidade é a história da expansão da fronteira sobre os vales, vertentes, espigões, vertentes, vales, vertentes, espigões, vertentes, vales... Em 1960, por exemplo, a fronteira norte estava no ribeirão Quati, a sul estava no ribeirão Cambezinho (lago Igapó). Hoje, a cidade avançou mais dois vales alongados ao norte, sendo o ribeirão Jacutinga o atual limite. Ao sul, com uma topografia bem mais acentuada e entrecortada, o limite de expansão que se apresenta é o ribeirão Três Bocas, embora este esteja mais distante do que o Jacutinga, ao norte. A leste, o limite é o município de Ibiporã; a oeste, o município de Cambé.

Na fronteira, e em toda a cidade, os limites dos ribeirões são muito marcados, dando o tom e a forma da cidade, principalmente na fronteira sudeste, onde os ribeirões se abrem em vales mais escarpados. A cidade faz um ziguezague no sentido norte-sul, acompanhando os espigões que produzem formatos meândricos, como "S"s consecutivos, olhados no sentido norte-sul; olhando no sentido oeste-leste, parecem "U"s, tendo na base a cabeceira dos córregos. Na fronteira oeste, se encontram várias cabeceiras de ribeirões e córregos, possuindo estes, porém, uma orientação noroeste-sudeste, com declividade menos acentuada. Na fronteira norte, sucedem-se três ribeirões principais que formam três vales alongados e suavemente inclinados, em perfeita orientação oeste-leste: Quati, Lindóia e Jacutinga. Além do Jacutinga, grandes propriedades rurais, e um campo vasto para "formação de vendavais". (MENDONÇA, 1994)

O caminhar pela fronteira urbano-rural foi, assim, o percurso por vales e vertentes, espigões e córregos, pois estes são os limites da cidade, como uma barreira provisória que segura a sua expansão, até que se construam pontes ou se peguem os barcos para transpor os rios e o outro lado da vertente possa ser também ocupado. Vertente acima, vertente abaixo, transponha a água e vertente acima, vertente abaixo. Este é o caminho e a orientação da expansão da cidade. Este foi, portanto, o percurso do campo, acompanhando a extensão da fronteira. É por isso que em várias ocasiões encontramos a fronteira num curso d'água. De um lado, o loteamento novo ou já habitado, com a última rua passando paralela ao ribeirão. Do outro lado, sítios, chácaras, fazendas. No ambiente a sensação de que aquilo não irá durar por muito tempo e que, em breve, os tempos históricos e as formas de sociabilidade terão de se fundir. Quem será incorporado e mudado, certamente, será o sítio. Quem terá de ser assimilada, certamente, será a ruralidade. Assim como o outro não consegue impedir o avanço do moderno, ou a barbárie não impede o devir grosseiro e impiedoso da civilização, o rural não consegue segurar o avanço urbano. Não que o rural queira resistir, ou que ainda exista aquele rural que persiste no imaginário urbano. Talvez a indução do processo venha de lá, do campo, talvez o conflito não seja mais a principal característica desta relação. A fluidez desta fronteira é cada vez mais abrangente, levando a urbanidade e a ruralidade por áreas vastas do território. Mas esta fluidez é, sem dúvida, muito mais importante nas áreas metropolitanas. Nas cidades médias e pequenas, ainda persiste uma distinção mais explícita, uma faixa de transição urbano-rural que revela e envolve duas espacialidades distintas, profundamente envolvidas, mas que ainda guardam, principalmente nos seus aspectos geográficos, significativas especificidades. Mas a persistência de tal envolvimento, com as novas formas de expansão urbana, que têm se generalizado pelo território, é difícil de precisar.

LUGAR E TERRITÓRIO: ENTRE A TOPOFILIA E A TOPOFOBIA

*"Tantos jovens
tantas vidas
Passam depressa
Sem se gostar*

*É lamentável
Mas é verdade
De tanto ódio
Não nasce afeição*

*O solo e a cidade
Tornam-se meras paisagens
de abstração."*

A busca dos lugares foi empreendida através dos sentimentos de topofobia e topofilia. Parimos da idéia de Solange Terezinha de Lima que, baseando-se nas leituras de Yi-Fu Tuan (TUAN, 1980; 1983), propôs a tese da ocorrência simultânea dos sentimentos topofóbicos e topofílicos (aversão e afeição) em relação aos espaços e lugares, em determinados grupos e/ou indivíduos. Segundo a autora, "esta simultaneidade da topofilia/topofobia respectiva à natureza da experiência ambiental destes grupos está firmada em suas especificidades culturais, na interpenetração dos níveis subjetivo e objetivo da experiência e da percepção relativa à paisagem vivida". Esta proposta é uma ampliação das concepções trabalhadas por Tuan, pois "topofilia e topofobia não ocorrem em diferentes compassos de tempo, em inversões excludentes, mas, a exemplo de uma composição musical, representam um contraponto indissolúvel ao tema, às suas variações, na criação e na harmonia do ritmo de seus movimentos e do silêncio de suas pausas". (LIMA, 1996, p.04-05)

Neste sentido, além de buscar os lugares, buscamos também a coexistência dos sentimentos topofóbicos e topofílicos, validando a tese de Lima: há em Londrina pessoas que se expressam e sentem os dois sentimentos de forma simultânea. Por exemplo, Juliana expressou tal coexistência em sua relação com a região do Igapó I e do Zerão: ao mesmo tempo em que sente afetividade pelo local, em especial pelo verde presente, pela tranquilidade, ela sente medo, em virtude dos assaltos que têm aumentado ali nos últimos meses. Atração e repulsa no mesmo movimento.

Atração e repulsa não apenas em uma única pessoa, mas estes sentimentos podem se apresentar em um e outro indivíduo, em relação ao mesmo lugar. Se, por exemplo, muitos gostam do lago, devido à tranquilidade, ao verde, à paisagem, por outro, em Thiago, a repulsa pelo Igapó se deve à quantidade de pessoas e ao mau cheiro. Não gosta porque "fedele!", com estas exatas palavras. Uma topofobia urbana moderna.

Outro local que se apresentou como contendo os dois sentimentos de forma simultânea, embora não no mesmo indivíduo, é o Calçadão. Se muitas pessoas o tomam como local de permanência, como um lugar de encontro e passeio, outros já o vêem como o caos urbano, o movimento, o cenário da urbe-metrópole. Por isso, alguns são atraídos. Por isso, alguns não vão a ele e, se vão, o fazem forçados, de forma mecânica e angustiada. Topofilia/topofobia.

Porém, é mais freqüente encontrarmos os sentimentos ocorrendo de forma mais independente. Quanto aos lugares topofílicos, foram mencionados a própria região do Igapó I e do Zerão, o Calçadão, o Arthur Thomas e seu próprio bairro. Na verdade, as pessoas sentiram certa dificuldade em se expressar sobre lugares que elas têm afetividade ou que mais gostam. Respostas freqüentes foram de que, de tanto trabalho, não há tempo para diversão ou entretenimento. Outra resposta era a de que gostava da cidade inteira. Estas

expressões trazem à tona duas questões importantes: quem vive/usufrui os equipamentos e lazeres da cidade? É possível uma experiência única da cidade?

Começando pela segunda, o que vemos nestas respostas é a sugestão da cidade-lugar, ou seja, a possibilidade da vivência única da cidade. Lembramos de Zoé, outra das cidades invisíveis de Calvino (1990, p.34), onde “o viajante anda de um lado para o outro e se enche de dúvidas: incapaz de distinguir os pontos da cidade, os pontos que ele conserva distintos na mente se confundem.” É como as pessoas se sentem quando, por pouco atentar a esta “coisa frívola de sentimento”, simplesmente não conseguem distinguir entre os pontos da cidade, qual deles ela gosta, qual ela não gosta. Polo continua: “chega-se à seguinte conclusão: se a existência em todos os momentos é uma única, a cidade de Zoé é o lugar da existência indivisível. Mas então qual é o motivo da cidade? Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos?” (CALVINO, 1990, p.35) Se não se consegue discernir entre o que é e o que não é, entre o que lhe agrada e o que não, entre a cidade e a não-cidade, qual é o motivo dela? Se não há vontade de ver e de conhecer, se tanto faz como tanto fez, qual a razão da cidade e de nosso esforço em compreendê-la e melhorá-la? A dificuldade que existe está em vivenciar a cidade, se desvinculando das ansiedades da vida.

Esta é uma posição que se abriu quando vimos a quase ausência de apego das pessoas aos lugares, quase ausência de sentimentos topofílicos. As pessoas da fronteira, e mesmo as demais, não apresentam nem reconhecem relações afetivas muito claras com os lugares. A maior parte parece ter uma relação de funcionalidade. As pessoas requerem da cidade a satisfação de suas necessidades, mas não param para vivê-la, para senti-la. Elas, em geral, estão presas à sua sobrevivência, às funções, às comodidades, à vida moderna. Não têm tempo ou razão para a contemplação e a *filia*. Neste sentido, o apego à cidade não pode ser tomado, em si, como exemplo de topofilia, por dois motivos. O primeiro diz respeito à própria idéia de topofilia que, mesmo sendo concebida como possível em várias escalas (do corpo até a do país), não se consolida experiencialmente desvinculada da mediação do lugar. O país, a cidade, a região são vividas através e no lugar. Este é a menor célula espacial, aquela que identifica e localiza o eu com/no mundo. (CASEY, 2001) Tuan (1983) relaciona o lugar aos sentidos, direcionando a experiência para o corpo. A cidade não pode ser experienciada como um todo, mas ela é uma abstração que só existe através de seus lugares. Por isso, se a pessoa não tem tal sentimento ou laços em relação a lugares, como pode ter topofilia em relação à cidade, senão por uma mediação cultural, imaginal?

Esta sensação nos acompanhou nas idas ao lago, apontado por muitas pessoas como “um local marcante”, área bonita e agradável. O que temos no lago? Por um lado, a satisfação do anseio moderno de verde, de natureza. Por outro, de quem é o Igapó? Chegamos, assim, à primeira pergunta. Há uma certa “divisão” do uso e do comportamento social (GOMES, 2002) referente aos dois lagos, sem fronteiras rígidas, mas como que um acordo inconsciente. O Igapó I, com urbanização mais antiga, é o cartão-postal da cidade. É ali onde estão os *jet-skis*, as chácaras às margens, as mansões e as festas ocorrem. É ali onde está o Iate Clube e as caminhadas recomendadas por cardiologistas. No Igapó II, mais recente, até pouco tempo apenas freqüentado por pescadores, há um outro uso. Embora tendendo a estar mais freqüentado pelos “esportistas”, possui um uso bem diferenciado. É ali onde atualmente vemos mais pessoas nadando nas poluídas águas, ação impensada para os usuários do Igapó I. Ali, mais integrado à cidade, as pessoas que não iam ao Igapó I passam a também freqüentá-lo, com a vantagem de ter todas as margens públicas, com maior acessibilidade tanto para se aproximar do lago quanto para chegar até ele.

De fato, das pessoas que conversei na fronteira, nenhuma disse ir ao lago. Nenhuma falou que vai caminhar no lago. Nenhuma freqüenta o lago. O lago já tem dono. Talvez agora eles estejam começando a freqüentá-lo, mas o Igapó II, não o I, que pertence aos *jet skis* e à classe média que vai “queimar suas calorias”. A fronteira vive na fronteira, e de lá você ouve as crianças chorando e os cachorros latindo...

Esta questão da associação topofílica com as funcionalidades é tão marcada que Henrique prefere o seu barraco à beira da vertente, numa rua sem asfalto ou esgoto, à beira dum curso d'água e do "mato", sem escritura ou propriedade, do que ir para uma casa de alvenaria num conjunto, com a possibilidade de comprá-la e ter a documentação. Que é qualidade de vida? Que representa o lugar? Se o "lugar é a gente quem faz", como disse Ronaldo, então independe o local ou os valores que utilizamos para atribuir primazia de um local sobre o outro. Os indicadores que o habitante da urbe moderna utiliza para classificar sua qualidade de vida não são universais. Na fronteira, a busca do território, onde você "domine" e sobreviva, é uma necessidade anterior ao lugar, onde há o desenvolvimento de *filia* ou da estética. Isto é qualidade de vida. A vida, em primeiro lugar. O resto vem depois.

Por que estas pessoas têm tamanha dificuldade em lidar com o lugar? Por que não têm de forma clara, para si mesmos, os lugares afetivos? A sua topofobia é bem marcada, em todos os casos. Seguindo o raciocínio de Lima, se topofobia e topofilia são sentimentos do mesmo processo, a ausência de um não significa a não capacidade da pessoa de desenvolvê-lo, antes, indica que há algo que impede ou obstrui tal sentimento, pois se a pessoa pode desenvolver a topofilia, por exemplo, ele têm a mesma possibilidade de desenvolver a topofobia. O que determinará este desenvolvimento são as relações que ela estabelece com e nos lugares.

Isto nos inquietou até o dia que conversamos com Thiago, quando surgiu a idéia de que o lugar vem depois do território. Esta idéia foi sugerida quando ele descreveu o que chamou de "seu território", o qual era limitado pelos lugares topofóbicos para ele. Sem o domínio, sem a segurança, as pessoas sentem dificuldades de desenvolver laços afetivos, pois o que ocupa sua experiência é a sobrevivência, é a necessidade de conseguir os bens de vida e de se manterem vivas. Para as pessoas da fronteira, a preocupação com o trabalho, no sentido de meio de sobrevivência, é tão grande que não há tempo para a contemplação ou para o cultivo de sentimentos topofílicos com os lugares. As pessoas associam topofilia com os locais que lhe garantem a vivência. Esta é uma situação que não se restringe à fronteira, manifestando-se, embora de forma metamorfoseada, em toda a cidade.

É por isso que o conhecimento "de todo-mundo" foi evocado muitas vezes como importante e como razão de afeto ao bairro, e mesmo à cidade. O fato de conhecer e ser conhecido não significa apenas pertencer, mas também territorializar. A ausência do sentido de território é latente, e as pessoas não se interessam em se aventurar além deste. Entre as pessoas que conversamos, a noção de lugar ficou menos marcada que a noção de território, embora este tenha sido mencionado verbalmente apenas uma vez. Relacionado a isto, os sentimentos topofóbicos estavam mais claros às pessoas do que os sentimentos topofílicos. É a peleja da vida cotidiana que aflige as pessoas. É a vivência cidadina moderna que amedronta.

Outra linha que se cruza podendo fornecer indícios de resposta, é o embate entre cotidiano e história e entre memória e história. Na tradição lefebvriana, José de Souza Martins trabalha com estas categorias e marca claramente cada uma destas posições. Na introdução de seu livro sobre o subúrbio de São Caetano do Sul, ele diferencia cotidiano de História afirmando que a história local e cotidiana é uma **história circunstancial**, sendo a junção dos fragmentos da circunstância o que permite resgatá-la como História. (MARTINS, 1992) Assim como no subúrbio, objeto de análise do autor, a fronteira urbana carece de memória histórica, pois ali está o desenraizado, o migrante, o sem história. Com estes pudemos conversar durante o trabalho de campo. Martins registra:

Aquele cuja vida foi privada do sentido da duração do tempo, da permanência além da morte. Aquele que vive a falta de História, como carência e privação. Quem? Os velhos e os jovens. Aqueles, porque não têm a quem deixar a memória dos fragmentos, por isso mesmo, sem sentido. Estes, porque não têm o que herdar. Ambos

condenados. Um, ao trabalho que, no fim da vida, mostra-se sem sentido [...]. A memória que fica não é a da obra: é a dos produtos, diria Lefebvre, das ferramentas, das ruas e trajetos de circulação. O outro, condenado ao vazio da falta de emprego, de lugar, de perspectiva – sobrando e prematuramente excluído. (MARTINS, 1992, p.17)

A relação entre cotidiano e História é apontada por Martins não como complementar, mas sendo o cotidiano a História vivida, mas esta História não pode se limitar ao cotidiano. Assim, as pessoas fazem a História mesmo sem o saber, não que a história local e cotidiana seja uma miniatura da História, mas como materialização, ou seja, o momento de vivência da História. (MARTINS, 2000)

Isto pode indicar a relação ausente do sentimento de afeição ou de apego ao lugar. Porém, em parte. Este é um elemento a mais para se pensar a questão, pois esta não elimina a indicação da necessidade do território e da sufocante ação do sentimento topofóbico sobre a pessoa. A memória é presente, e entre os fragmentos dessa memória é que caminhamos. Não se pode desprezar a capacidade do homem simples, mas também devemos ter lucidez de suas limitações. A História e a sociedade agem sobre ele, e é difícil se livrar destas influências. Porém, na mesma esteira do sentimento topofóbico pode coexistir o sentimento topofílico, o que nos indica que a sufocante situação da fronteira e da vida cotidiana não são impedimentos, mas obstáculos ao desenvolvimento de laços afetivos da pessoa com o lugar.

Sinais destes argumentos apareceram em vários momentos durante o campo. Antônio Terra, disse mais de uma vez, do alto de sua simplicidade, que “não tem nem maneira de comentá”. Antônio da Cunha também enfatizou que “a gente não repara nessas coisas”. A preocupação destas pessoas, assim como Sebastião e Wanderley, motoristas da universidade de que me acompanharam, é o trabalho. É a vida nova, é o sustento, é a terra. Nesta vida cotidiana, o lugar parece menos importante do que o território.

Por fim, pensando nas “Londrinhas” de então, vemos que a topofobia relacionada ao medo é fenômeno da Londrina-metrópole. Nenhuma das pessoas que conheceu a antiga Londrina disse ter medo da cidade ou de qualquer parte dela. Contudo, a topofobia relacionada à aversão existia, principalmente em relação ao barro, à poeira, à situação de fronteira propriamente dita. Mas estes pontos se revelam de forma mais expressiva como imagens e fantasmas urbanos, como veremos a seguir.

IMAGENS E FANTASMAS URBANOS

“Londrina, cidade cismada.”

As imagens urbanas são indissociáveis do imaginário. Na verdade, eles formam um elo forte na conformação do imaginário urbano. A socióloga Lucrecia D'Alessio Ferrara, em seu livro *Os significados urbanos*, aborda esta **unidade imagem/imaginário**. (FERRARA, 2000) Ela argumenta que encarar o imaginário como oposto ao real é outra forma das já conhecidas dicotomias da modernidade, como corpo/alma, mente/matéria, sujeito/objeto etc. Ao contrário, ela propõe que a unidade imagem/imaginário é outra manifestação da união dos elos dicotômicos. Para Ferrara, sentir, entender e imaginar são reações conaturais, sendo, portanto, impossível admitir predomínio, precedência ou sucessão entre elas.

A autora afirma que o significado criado pela unidade imagem/imaginário é a real percepção da experiência urbana travestida no uso do espaço e seus lugares. O uso é o significado da experiência. É neste sentido que a autora registra que o imaginário corresponde

à necessidade do homem de produzir conhecimento através da multiplicação dos significados, atribuindo significado a significados. Suas obras são, conforme Ferrara, únicas, mas se acumulam e passam a significar mais por meio de um processo associativo no qual um significado dá origem a um segundo ou terceiro e, assim, sucessivamente. Este raciocínio se mostra no processo de significação da imagem urbana de monumentos, locais, emblemas, espaços públicos ou privados; a autora assinala que estes passam a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos do que em relação à imagem básica que lhe deu origem. É neste sentido que entendemos que figura o espaço subjetivo, o espaço existencial. É esta diferença que transporta a imagem urbana para imagens urbanas, reforçando a impossibilidade da totalidade, mesmo que se tenha uma base comum. Porém, também não se poderá afirmar a discrepância absoluta das visões, pois, frutos da mesma origem, podem possuir traços comuns nas suas diversas manifestações.

Ferrara (2000, p. 118-119) assim sintetiza a diferença entre imagem e imaginário:

A imagem é um dado e corresponde a uma concreta intervenção construída na cidade, o imaginário é um processo que acumula imagens e é estimulado ou desencadeado por um elemento construído ou não, porém, claramente identificado com o meio e o cotidiano urbanos. Imagem e imaginário se distinguem. A imagem decorre de um referencial contextualizado, o imaginário refere-se à capacidade associativa de produzir imagens a partir da imagem concreta; corresponde a um jogo relacional entre significados despertados a partir de uma imagem de base.

Assim, a autora encara imagem e imaginário como possuidores de padrões diferentes que surgem como invariáveis e nos possibilitam comparar, interpretar e distinguir manifestações aparentemente iguais.

Desta forma, o imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas, estimulado pelos seus fragmentos, produz discursos que com ela interagem. No entanto, Ferrara assinala que, com o auxílio do registro da memória, esses discursos se transformam em arquétipos culturais e são responsáveis pelo criativo diálogo entre o imaginário e a história urbana para criar justamente a imagem da cidade. Porém, a autora registra que o caráter apelativo da imagem se dirige ao cotidiano e o hábito de ver a cidade: de um lado ela tende a permanecer diluída no revelar a identidade dos lugares, de outro, torna-se um exercício do imaginário. Se o imaginário supõe uma associação de fragmentos que, montados, constróem um retrato metafórico da cidade, Ferrara argumenta que a imagem é o retrato de um imaginário: imaginários estes distintos porque, no primeiro caso, a cidade é um estímulo para a associação imaginária e, no segundo, ela constrói a visibilidade do imaginário.

As imagens urbanas, portanto, são elementos fundamentais na constituição do imaginário urbano. Pudemos identificar algumas destas imagens nestes dias de campo.

Referente à própria topofobia, as paisagens do medo apontadas pelas pessoas não eram locais onde eles próprios experienciam o medo. Na verdade, quase todas as referências aos lugares eram bairros e a menção vinha antecedida ou confirmada com as afirmações "é o que a gente ouve falar" ou "pelo menos é o que dizem". A mídia e o próprio "burburinho" da cidade são os responsáveis por esta composição. Os lugares que estão no imaginário urbano como perigosos são aqueles de onde são trazidas notícias de violência, de assassinatos, de criminalidade. João Turquino, Maracanã, João Paz, Franciscato, São Jorge, União da Vitória.

É notório, no entanto, que estes bairros não são, necessariamente, os mais violentos hoje em dia. Alguns deles foram apontados pelos moradores como "coisa feia" antigamente. O União da Vitória é o exemplo mais claro disso. Luís Carlos, morador do União da Vitória I, apontou que o problema não era geral no União da Vitória, mas sim, a partir do III e do IV. A imagem que compõe o imaginário urbano, no entanto, é do bairro todo e, apesar da situação

já ter mudado por lá, “o povo tem na mente e no coração”, como falou Ronaldo. O imaginário urbano parece ter um ritmo mais lento de mudança e transformação.

Contudo, embora não tenhamos mencionado diretamente em todos os diálogos, a violência e a criminalidade apareceram espontaneamente nas expressões de todos os conversantes, embora nenhum deles tenha vivido uma situação de violência recentemente (muitos, em nenhum período da vida). De qualquer forma, esta é uma das imagens mais presentes no imaginário e na experiência urbana por aqueles dias. Era a época de maior movimentação política e da sociedade civil contra a escalada da violência, com a Câmara de Vereadores da cidade solicitando, junto ao governo do Estado, uma audiência para discutir soluções e providências, e a Prefeitura realizando fóruns para discutir o problema. A violência estava no imaginário urbano, como algo que preocupa e como algo consensual. Todos sentiram o aumento da criminalidade, seja por causa destas imagens ou por sua própria experiência. No período do trabalho de campo, a cidade acompanhava pelos jornais o aumento da violência, quantificada pelo número de assassinatos. A cada dia os jornais iam somando e relatando, em grandes manchetes, a “escalada da violência”. O medo da violência passa a fazer parte do cotidiano das pessoas de uma forma até então não vivida pela cidade, passando assim à sua experiência e ao imaginário urbano. Londrina está se tornando uma cidade grande?

A dimensão da cidade aparece, assim, como uma imagem, podendo ser apontada como fantasmagoria urbana, utilizando-se o conceito de Armando Silva, trabalhado em seu livro *Imaginários urbanos* (SILVA, 2001). Sua análise se baseia nas teorias dos símbolos, como um fenômeno que exige uma relação de significado, não como a palavra, mas como pensamento, para elaborar sua concepção de **ordem imaginária**. Neste sentido, o autor afirma que o imaginário afeta os modos de simbolizar o que conhecemos como realidade, e essa atividade adere a todas as instâncias da nossa vida social. Desta forma, Silva (2001, p.47) aponta a diferenciação entre símbolo e imaginário, sendo necessário o primeiro para o segundo e ao primeiro, só é possível realizar-se no segundo. O autor concluiu: “[...] na percepção da cidade há um processo de seleção e reconhecimento que vai construindo esse objeto simbólico chamado cidade; e **que em todo símbolo ou simbolismo subsiste um componente imaginário**”. Silva também não aceita a referência ao imaginário como algo que seja irreal, ou mentira, antes, está vinculado de forma indissociável às práticas sociais, instituindo e sendo instituído por elas.

Os **fantasmas urbanos** analisados pelo autor, têm raízes nos fantasmas da psicanálise. O autor faz um resgate etimológico da palavra, buscando seus significados e relações com outros vocábulos para demonstrar o que chama de fantasma urbano: “[...] presença indecifrável de uma marca simbólica na cidade, vivida como experiência coletiva, por todos os seus habitantes ou uma parte significativa deles, através da qual nasce ou se vive uma referência de caráter mais imaginário do que de comprovação empírica.” (SILVA, 2001, p.55) Isto significa dizer, para o autor, que na vida cotidiana cidadina existem fatos, idéias ou projetos que dão maior margem para a produção imaginária que outros.

Silva reflete acerca do papel da produção fantasmal na sociedade, apontando-a como dominante na ordem imaginária. Assim, a ordem empírica cede ou é transformada pelo imaginário, ou vice-versa, enquanto a ordem imaginária cede ou é transformada pelo empírico. É na zona intermediária, uma área obscura, onde **sucede o acontecimento fantasmal**, através da mescla de ordens. O autor mostra que sempre que houver esta mescla de ordens, estaremos no campo da vida fantasmagórica da cidade, pois “[...] enquanto o empírico é fático e demonstrável o imaginário é assimilável à fantasia. Porém, **o fantasma vive sob a marca do imaginário**, só que dentro de certas condições de verossimilhança. [...] **Então, o fantasma sempre será de ordem imaginária, só que vive como se fosse real [...]**”. (SILVA, 2001, p.59)

Em vista disso, que fantasmas temos em Londrina? Para tentar responder, lançamos mão de outra pergunta que esteve latente no trabalho: Londrina é grande ou pequena? A

cidade vive hoje um período significativo referente às conseqüências de seu crescimento. Como mencionado, em todas as conversas as pessoas falaram da violência e de como a cidade está perigosa. Londrina está assustada. As causas são muitas, conforme apontaram os conversantes: (1) Londrina é uma cidade grande; (2) falta acreditar em si mesmos; (3) tem muita gente sem vergonha; e (4) tráfico de drogas.

É notório que ninguém apontou o desemprego e a pobreza como a causa da violência. Na verdade, houve expressões contrárias, como Antonio de Araújo, que afirmou que "não é a falta de emprego a causa não", ou como Ronaldo, que disse que "é falta Deus e auto-estima". Vê-se que, mesmo na fronteira, a violência não é atribuída aos outros. Assume-se a culpa.

Mas Londrina também é pequena. É pequena pela tranquilidade, é pequena pelo verde presente. É pequena pelo provincianismo e o trânsito, em franca oposição ao das grandes metrópoles nacionais. Londrina é aconchegante.

Porém, Londrina é grande pelo movimento. Londrina é grande pelo aparente caos urbano, pelos inúmeros bairros desconhecidos, pela distância centro-fronteira, pela oposição muito grande dos usos dos espaços e pela relação das pessoas com os lugares. A cidade é marcada pela modernidade. Ela é grande pela modernidade. É pelos parâmetros da modernidade que seus habitantes a medem e a qualificam. Desde cedo, os prédios causavam admiração, e continuam a causar. Um prédio muito alto, a ser construído, já atrai a atenção dos habitantes, que irão contemplá-lo. A grande área verde de lazer, de "gente bonita", é o lugar mais freqüentemente citado pelas pessoas. Além da Avenida Higienópolis (grande avenida, símbolo moderno, ainda herança dos bulevares franceses) e do Catuaí Shopping center, citados pela classe média. Além dos shopping centers, há também os novos edifícios espelhados e os condomínios fechados, exemplos da pós-modernidade estadunidense, com todas as implicações que os acompanham.

Londrina é grande e atrai migrantes. Assim como Henrique, que disse que "cidade grande é uma ilusão". Mas que, mesmo assim, está satisfeito nela, pois aqui "sempre tem um bico". Esta é uma imagem antiga na cidade: a Terra da Promissão, o Eldorado, a Nova Canaã, a "terra nova", onde os migrantes das primeiras décadas viam as possibilidades se abrindo diante de si e da família. Onde poderia superar as mazelas da vida atual, ou simplesmente melhorar, não porque está ruim, mas porque queriam "progredir". Assim vieram muitos, e conseguiram! Dos conversantes, apenas Luis Carlos se mostrou profundamente contristado e melancólico, desejando sair da cidade. Aqueles que por aqui vieram nas décadas de 30, 40 e 50, tiveram realmente suas expectativas satisfeitas e se apegaram à sua terra, ao lugar de seu sustento e de sua prosperidade.

Talvez aqueles que relatam ter tido sucesso foram os que vieram do campo para o campo, ou seja, saíram da "terra velha" para a "terra nova". O que ocorrera com Luis Carlos foi a mudança do campo para a cidade. É o êxodo rural. Destes, nós não podemos ver senão desgosto. Neste sentido, a "cidade grande é ilusão", e não há emprego para todos, "pois todo mundo vem para cá", como falou o próprio Henrique. Mas a Terra da Promissão já deixou de ser a imagem da cidade, ainda do seu tempo de fronteira. Hoje, a sua imagem é aquele de toda a grande cidade moderna: muita gente, mais oportunidade, "sempre tem um bico". E por isso, mesmo em condições precárias de saúde e habitação, as pessoas ainda se sentem felizes por aqui estarem, por aqui viverem. Não porque a cidade é bonita, é agradável ou porque há lugares em que eles têm afetividade. Simplesmente porque os equipamentos e as funções urbanas são mais desenvolvidos e "aqui é tudo mais facilitado", como disse Henrique.

Armando Silva, em seu estudo sobre os imaginários urbanos em Bogotá e São Paulo (SILVA, 2001), colheu as opiniões das pessoas distinguindo-as por classes. Assim, todas estas referências devem ser compreendidas também neste sentido, pois a classe social também faz parte do espaço existencial de cada indivíduo, significando elemento de seu ambiente. Os usos e a formação dos fantasmas urbanos também possuem relação com a

situação social, além do ambiente de vivência, a posição na relação centro-fronteira e urbano-rural, origem, trabalho, família etc.

Neste sentido, o caminhar pela fronteira e conversar sobre a Londrina de então revelou outro fantasma urbano: o **asfalto**. Equipamento urbano de aparência simples, com toques e retoques. Uma capa impermeável a esconder de nossa vista a viscosa terra do Norte do Paraná. Na contrapartida, outro fantasma: o **barro**.

Nas conversas, as pessoas se lembram da Londrina de então, com um certo desgosto. “Londrina era triste”, disse Antonio Terra. Antonio da Cunha se lembra da cidade e de seu barro e buracos, risco de cair que muitas vezes se concretizava. Ou o pó, que nem as roupas podiam ficar no varal. Se o barro era o símbolo do “sertão” que era a cidade, da sujeira, da não-modernidade, o asfalto é tomado como marco do desenvolvimento. Quando conversamos em bairros como o Guanabara, outrora ambiente desajeitado e rejeitado, fruto inclusive de preconceito e de repulsa por parte de seus habitantes e do restante da cidade, o marco da inversão de situação e do desenvolvimento do bairro e de sua melhora, foi o asfalto. Assim também, em outros locais. Já nos bairros que até hoje ainda não há asfalto, a única coisa que falta para ficar bom é o asfalto, como falou Pedro Alcântara, do Jardim Cristal.

Eis a raiz do “pés-vermelhos”, que era a forma como os paranistas⁷ chamavam os habitantes do interior, deste Norte do Paraná “estrangeiro”. Apesar dos habitantes terem revertido a ofensa em símbolo, o fantasma permanece no imaginário urbano: o barro é a não-modernidade, a degeneração ambiental e social. O asfalto muda não apenas a estética, mas a condição existencial do bairro. Concede o atributo de cidade. Marca de maneira definitiva a transição do rural ao urbano. O asfalto é uma das últimas (ou primeira) formas de afastar a situação da fronteira, marcando o espaço definitivamente como urbano.

Londrina é grande, sendo pequena, e é pequena sendo grande. Persisto nesta idéia. Talvez este seja o grande fantasma urbano de Londrina. Possui algumas poucas mazelas da grande cidade, mas tem suas vicissitudes e todos os benefícios da pequena cidade. Londrina é uma cidade média.

O ESPAÇO EXISTENCIAL E A “BUSCA DAS COISAS MESMAS”

*“Até lá, vejo por aqui
E continuo a pensar como é
Saber e conceber os sentimentos
E poder simplesmente viver cada lugar
Com sua individualidade e vigor
E na especificidade infinita
Definir novas posturas
Novas relações
E conseguir imaginar como é
Sentir os sentimentos puros e cândidos
A autenticidade.”*

⁷ Movimento dos chamados habitantes do “Paraná Tradicional”, que pretendiam fortalecer o Estado contra a “invasão” dos paulistas e mineiros, ocorrida no norte do Estado, reafirmando sua cultura, costumes e famílias.

Nas considerações de Armando Silva acerca dos quatro espaços que compõe a experiência urbana, espaço histórico, espaço tópico, espaço tímico e o espaço utópico⁸, o autor aponta para a coexistência de todos, de forma a-dimensional ou a-direcional, o que significa dizer que não há uma dimensão ou uma direção privilegiada de um sobre o outro. No caso do estudo da cidade, cada um permanecerá em relevo na medida em que o pesquisador fizer suas opções. A opção deste estudo ficou clara desde o início: focar o **espaço utópico**. Agora, porém, buscaremos a ênfase sobre este em conexão com os demais, em especial o histórico e o tímico.

O sujeito está sempre em construção na confluência e co-inter-influência entre estes espaços e seus elementos fundadores. Contudo, Silva salienta que, quando falamos do imaginário, tudo se resolve em sua própria dimensão, pois o homem fantasmagórico vive o imaginado como real. A cidade é o resultado da coexistência destas dimensões. O autor salienta:

[...] torna-se óbvio que as '**atuações urbanas**', nossa teatralidade diária, fazem com que se vincule o indivíduo à cidade, à sua cidade, de maneira permanente e performativa. Desse modo a cidade está aberta para ser percorrida, e tais confrontações com a urbe vão gerando as múltiplas leituras dos seus cidadãos. Podemos assumir, dessa maneira, uma série de contratos até o interior dos territórios e descobrir diversas encenações. (SILVA, 2001, p.78)

O "sujeito urbano em construção", salienta o autor, significa "aludir a um nível de formalização de categorias por onde se manifesta o ser de uma cidade". Neste sentido, não se pode desprezar o papel dos fenômenos abstratos e não-"reais", não-"econômicos" ou não-"sociais" na sua construção. A importância dos quatro espaços e das "**imagens imaginadas** construídas a partir de tais fenômenos", além das "imaginações construídas por fora deles", não podem ser minimizadas em importância. (SILVA, 2001, p.78-79)

No encontro destes espaços estão as duas dimensões: proximidade e distância, ou individual (existencial) e coletiva (cultural). (BELLAVENCE, 1999; MARANDOLA, 2004) Este embate se tornou evidente durante todo o trabalho de campo.

Se, por um lado, as histórias de vida e o cotidiano das pessoas atribuem a cada um uma experiência única da cidade, como também mostram ter suas próprias concepções imaginárias, ao mesmo tempo ouvimos os mesmos traços do imaginário urbano em suas expressões. A violência como produção fantasmal contemporânea, o sentimento de identificação com o lago Igapó, embora em dimensões diferenciadas, a Londrina grande, a Londrina pequena, a esperança de melhora de vida, a confirmação desta melhora, o barro, o asfalto, o pó, a "terra nova", a mudança na cidade e nas pessoas.

O espaço existencial de cada um se configura neste embate: proximidade e distância. Na sua proximidade, o bairro, a evolução do bairro, sua história de vida, o que esperava da vida, o que aconteceu, os filhos, a cidade, seu cotidiano, as mudanças, o trabalho, os lugares, os medos e as afeições. Na distância, a imagem, os fantasmas, a história, a economia, a cidade. O encontro destas duas dimensões se dá justamente na experiência singular e no imaginário urbano. É neste encontro único que se forma o espaço existencial. Apesar de histórias semelhantes, apesar de cotidianos até certo ponto próximos, processos históricos

⁸ Os fantasmas urbanos analisados por Silva apontam para a construção contínua do sujeito. O autor afirma que a cidade corresponde a uma organização cultural de um espaço físico e social que, enquanto tal, tem a ver com a construção de seus sentidos. Neste âmbito, o autor assinala quatro espaços: **espaço histórico**, que se relaciona com a capacidade de entendê-la em seu desenvolvimento a cada momento; **espaço tópico**, onde se manifesta fisicamente o espaço e sua transformação; **espaço tímico**, que está relacionado com a percepção do corpo humano, com o corpo da cidade e com outros objetos que o circundam; **espaço utópico**, onde observamos os seus imaginários, os seus desejos e fantasias, que se realizam com a vida diária.

assemelhados, cada um traz sua singularidade e sua maneira de se relacionar e de ser-no-mundo. Cada pessoa é um mundo, e cada um tem um mundo à sua volta. Mesmo vizinhos, cada um traz a sua "Londrina" e leva outra quando vai embora.

O espaço existencial é, assim, o espaço da existência. É nele que os existentes baseiam suas referências e se localizam no mundo. O homem só é homem-no-mundo a partir de seu espaço existencial. Sem ele, o homem é um homem-sem-lugar, um ponto isolado e flutuante. É através do espaço existencial que o homem se agarra e interage no e com o mundo. É ali que o homem existe.

Na perspectiva de Heidegger (1991), este espaço existencial se configura no *Dasein*, ou seja, na morada do homem como pastor do ser. É o ser-aí, cuidando e zelando pelo ser. Mas nesta colocação está uma preocupação ontológica anterior. Na verdade, o espaço existencial se coloca mais semelhante (ou mesmo, a partir de) à concepção de Merleau-Ponty (1971, p.14) acerca do mundo: "O mundo não é o que penso, mas o que vivo [...]". Nesta perspectiva, o mundo é o que flutua à volta do homem, podendo ser experienciado por ele, ou, na acepção de Merleau-Ponty, percebido e sentido.

A "busca das coisas mesmas", evocada pelos fenomenologistas-existencialistas, como o método e a meta da filosofia, para buscar as essências antes das abstrações científicas, é a busca por este espaço existencial, investigando este mundo como ele é experienciado. É por isso que as conversas, em forma de diálogos livres, deixando as pessoas falarem livremente, é uma das formas de acessar este sentido original. Porém, as "coisas mesmas" não são sempre puras. Permanecem como uma forma, uma alternativa para as infinitas cidades. São "Londrinas" que se descortinaram durante o percurso, o qual é elemento determinante desta descrição, experiências e imaginário urbano revelados. Na escolha do percurso e na busca do caminho está o papel, portanto, do pesquisador, sujeito ativo na produção do conhecimento.

Mas, acima de tudo, o espaço existencial revela de maneira singela a **relação orgânica homem-meio**. Esta relação ficou latente nas expressões e pensamentos dos conversantes. Ao invés de um homem jogado no lugar, apropriado de todo sentimento, de toda vontade, de todo arbítrio, o homem que se apresentou foi acima de tudo, um homem que vê e se vê no mundo. Apesar de toda a sua incapacidade de escolher seu caminho ou mesmo de trafegar pela cidade como quer, quem o pode de todo fazer? Se sua condição de homem simples não lhe permite acessar toda a cidade, será que a condição de homem rico ou esclarecido, dota-o de livre acesso a toda a cidade? Nesta cidade, assustada pela violência, quem será que teme mais? Aqueles que tudo tem ou os que quase nada tem?

Porém, não mostraram grandes diferenças, de fato. Os lugares que todos evitam são os mesmos. As imagens do medo compõem o imaginário urbano, e a cidade compartilha esta experiência violenta, embora, para cada um, esta experiência esteja baseada em diferentes imagens.

Mas, o homem se mostra ligado ao seu ambiente de forma coesa, numa relação íntima e de natureza variada. O fato de muitos dos conversantes, na situação de fronteira, esperrarem primeiro a segurança de um território para depois constituírem suas relações topofílicas de forma mais clara, os próprios laços estabelecidos, de aversão, de domínio, de segurança, de conhecimento, possuem vinculação com o lugar. Além disso, algumas pessoas disseram que "o lugar quem faz é a gente", eliminando o determinismo e focando a vontade e o homem nesta relação com o seu habitat. O homem é mais forte.

Contudo, o homem vê em seu espaço existencial forças que interferem e ao mesmo tempo compõem sua existência. É o embate acerca das escalas, individual e coletiva, e do tempo tríplice de Gilberto Freyre. Na análise de Monteiro (1996), a associação do trinômio social (nós, eles, outros) e o tempo tríplice (passado, presente, futuro) são a base das relações entre o indivíduo/sociedade-natureza que geram e sustentam o urbano. Tanto o trinômio social quanto o tempo tríplice são mediados/impulsionados pelas forças econômicas e culturais, numa interação constante que gera embates, entre dominantes e dominados,

nos que tem e que não tem. Assim, o homem é colocado como ser de vontade, que quer ter e faz acontecer, em busca de sua qualidade de vida (concepção variada e singular), mas que não pode fazer isso senão no embate entre sua singularidade, a coletividade e as forças que concorrem dentro e fora de seu espaço existencial.

Semelhante às cidades invisíveis de Italo Calvino, "invisíveis justamente para aqueles que não sabem como chegar, e, portanto não as podem ver" (GALEFFI, 2000, p.68), as "Londrinhas" mapeadas aqui não são acessíveis. Elas são os hologramas que produzem a grande Londrina, a que é vista do planalto, ou aquela que é lembrada nos cartões portais, ou aquela que o viajante contempla quando por ela trafega. A possibilidade da experiência indivisível da cidade parece uma utopia, pois não há sequer a cidade indivisível. A Londrina que se vê é o resultado destes fragmentos, e não há ordem ou dimensão. Cada existente possuiu a sua "Londrina", e não há caminhos para chegar até elas. Apenas ouvimos falar de suas balaustras e de suas coifas platinadas. Talvez, haja o caminho para cada uma delas descrito no Atlas do Grande Khan, ao lado da descrição de cada uma delas feitas por Marco Polo. Talvez estejam todas perdidas no deserto da Mongólia, onde apodrecem junto com a memória do grande império tártaro. Talvez elas estejam exatamente debaixo de nossos narizes, e não conseguimos sequer sentir seu cheiro. Talvez...

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. **Texto para Discussão**, Rio de Janeiro, IPEA, n. 702, p.1-31, jan. 2000.
- BELLAVANCE, Guy. Proximidade e distância da cidade: a experiência da cidade e suas representações. **Interseções: revista de estudos interdisciplinares**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.67-86, 1999.
- BUTTNER, Anne. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTNER, Anne and SEAMON, David (Ed.) **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980. p.166-187.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. (trad. Diogo Mainardi) São Paulo: Cia. das Letras, 1990. 150p.
- CASEY, Edward S. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v.91, n.4, 2001. p.683-693.
- CÉU de Lisboa, O (*Lisbon Story*). Direção de Wim Wenders. Berlim, 1995. 1 fita de vídeo (105 minutos), VHS, son., color.
- FERRARA, Lucrécia D'A. **Os significados urbanos**. São Paulo: Ed. USP: FAPESP, 2000. 185p.
- FERREIRA, Yoshiya N. e MARANDOLA JR., Eduardo. O sensível e a afetividade nas fronteiras do saber: sobre a imaterialidade dos fenômenos geográficos. **Olam: Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v.3, n.1, p.129-174, set. 2003. [CD-ROM]
- GALEFFI, Eugenia M. Italo Calvino e o simbolismo de As Cidades Invisíveis. **Ágere: Revista de Educação e Cultura**, Salvador, v.2, p.61-69, jul./dez. 2000.
- GOMES, Paulo C. da C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 304p.
- HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. (trad. Rubens Frias) São Paulo: Moraes, 1991. 50p.

LIMA, Rogério. A permanência das imagens e os fragmentos da esquina: Wim Wenders e Paul Auster e as formas de imaginação da cidade. In: LIMA, Rogério e FERNANDES, Ronaldo C. (Org.) **O imaginário da cidade**. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p.162-194.

LIMA, Solange T. de. **Paisagens & Ciganos**. 1996. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

MARANDOLA JR., Eduardo. **“Londrinas” invisíveis**: percorrendo cidades imaginárias. 242p. 2003. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____. Uma ontologia geográfica dos riscos: duas escalas, três dimensões. **Geografia**, Rio Claro, v.29, n.3, p.315-338, 2004.

_____. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, Goiânia, AGB, Ano 21, v.2, n.25, p.67-79, jul./dez. 2005a.

_____. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, PUC-Minas, v.15, n.24, p.49-67, jun. 2005b.

MARTINS, José de S. Por uma compreensão do esquecimento e do silêncio. In: _____. **Subúrbio**: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992. p.07-23.

_____. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: _____. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec/FFLCH, 1997. p.145-203.

_____. História e memória. In: _____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000. p.125-149.

MENDONÇA, Francisco de A. **O clima e o planejamento urbano das cidades de porte médio e pequeno**: proposição metodológica para estudo e sua aplicação a cidade de Londrina. 1994. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. (trad. Reginaldo di Piero) Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971. 465p.

MOLES, Abraham A. e ROHMER, Elizabeth. **Psychologie de L'espace**. Casterman, 1978.

MONTEIRO, Carlos A. de F. O signifiante ambiental em Sobrados e Mucambos. In: FONSECA, E. N. (Org.) **Sobrados e Mucambos**: entendimento e interpretação. Recife: Editora: Massangana, 1996. p.69-114.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, abr. 1979.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. (trad. Mariza Bertoli e Pérola de Carvalho) São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andres Bello, 2001. 247p.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **The Geographical Review**, New York, American Geographical Society, v.65, n.2, p.151-165, apr. 1975.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980. 288p.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983. 249p.

VIEIRA, Mirna L. e OLIVEIRA, Livia de. Imagem turística. **Geografia**, Rio Claro, v.25, n.1, p.23-35, abr. 2000.

WRIGHT, John K. *Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. Annals of the Association of American Geographers*, v.37, p.1-15, 1947.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido realizado sem a interferência fundamental de muitas pessoas: Yoshiya N. Ferreira, Lúcia Helena B. Gratão, Lourenço Zancanaro, Rosely M. de Lima, Carlos Augusto de F. Monteiro, Livia de Oliveira e Daniel J. Hogan, que contribuíram com suas críticas e conhecimento para o aprimoramento e construção destas idéias. Mas o agradecimento principal é para aqueles que se permitiram encontrar e conversar durante o campo, abrindo sua experiência da cidade para a pesquisa, tornando-a possível.

Recebido em abril de 2007

Revisado em junho de 2007

Aceito em julho de 2007